

Muito além do pré-vestibular: um relato de experiência na Rede Emancipa - movimento social de educação popular

Much beyond pre-single entrance: a report of experience in the Emancipa Network - social movement of popular education

Marina Medrado Correia ¹

RESUMO

Este artigo tem como objetivo apresentar um relato de experiência, tendo como base metodológica a análise de caso, a respeito da construção do cursinho pré-universitário da Rede Emancipa – Movimento Social de Educação Popular na cidade de Belo Horizonte, bem como discutir a possibilidade de construção da Educação Popular em um cenário de contradições entre suprir a demanda pela inserção no ensino superior, por meio de um processo seletivo excludente, e construir um caminho para a transformação social por meio da educação.

Palavras-chave: Cursinho Popular. Educação Popular. Movimento Social.

ABSTRACT

This article aims to present an experience report, through case analysis, about the construction of the preparatory school of Rede Emancipa - Social Movement for Popular Education in the city of Belo Horizonte, as well to discuss the possibility of building Popular Education in a scenario of contradictions between meet the demand for inclusion in higher education through an exclusive selective process and build a path for social transformation through education.

Keywords: Popular prep school. Popular Education. Social movement.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo apresentar a experiência de construção do cursinho pré-universitário da Rede Emancipa – Movimento Social de Educação Popular na cidade de Belo Horizonte, capital do estado de Minas Gerais, bem como discutir a possibilidade de construção da Educação Popular nesse cenário. Para isso, intenta-se partir da experiência individual da autora², que participou da construção da primeira turma do cursinho, em 2015, como professora e, posteriormente, integrou a coordenação até o início de 2018. O relato de experiência tem como base metodológica a análise de caso, em paralelo à pesquisa bibliográfica e análise documental, sendo esta última realizada a partir dos documentos institucionais da Rede Emancipa: Manual do Estudante; Manual do Professor; e Carta de Princípios da Rede Emancipa.

Antes disso, contudo, faz-se importante apresentar alguns contornos contextuais. Estima-se que, no Brasil, os cursos preparatórios pré-vestibular surgiram por volta na década de 60, dentre outros fatores, em razão da definição da Lei de Diretrizes e Bases (LDB), que determinou que todos os cursos de grau médio poderiam possibilitar o acesso ao ensino superior. Desde então, a expansão significativa desses cursos pode ser notada, devido à

¹ Graduada em Letras (FALE) e mestranda em Educação (FAE), pela UFMG. Professora na rede municipal de Belo Horizonte. E-mail: marinamedradocorreia@gmail.com

² Ainda que se trate de um relato pessoal, ao inserir observações sobre a minha experiência individual, optarei por utilizar a terceira pessoa ou por me denominar “autora”.

crescente demanda pela preparação para processos seletivos, em especial, para o ensino superior público, uma vez que esses costumam partir de uma rígida concorrência por vagas. Esses exames tendem, além disso, a não refletir a realidade do ensino brasileiro, o que aumenta, ainda mais, o abismo entre a educação básica pública e a educação básica privada.

Sabe-se que muitos são os fatores que corroboram para as desigualdades educacionais no Brasil, muitos deles, inclusive, extraescolares. Todavia, sabe-se, também, que o próprio processo seletivo para ingresso em instituições de ensino superior – isto é, os vestibulares – atuam como uma ferramenta de exclusão social. Nesse contexto, os cursinhos populares buscam reverter, ou ao menos amenizar, esse quadro. Assim, pode-se entender como cursinho popular aqueles cursos preparatórios gratuitos destinados à parcela da população que não possui recursos financeiros para garantir tal preparação para os vestibulares – em outros termos, a juventude pobre e, em sua maioria, negra –, tendo como diretriz o combate a tais desigualdades.

Segundo Castro (2004), é possível reconhecer a construção do Movimento de Cursinhos Populares no Brasil, de forma expressiva, em meados da década de 80. Para o autor, essa articulação se dá como desdobramento da reestruturação produtiva e das crises geradas em razão dela a partir dos anos 70 e, por isso, pode ser entendida como uma significativa ferramenta de combate à desigualdade social no que toca ao acesso ao ensino superior, mas também no que diz respeito às condições materiais de vida dos proletários, em especial nos bairros, como creches e moradia. Isto é, em um contexto de reestruturação produtiva e de novas demandas por formação profissionalizante, fica evidente que a luta por direitos não pode se dar apenas no contexto de trabalho, mas que deve tê-lo como base, relacionando diferentes setores da sociedade. Destaca-se que, nesse período, os cursinhos populares eram, principalmente, articulados às Comunidades Eclesiais de Base.

A partir disso, entende-se que os cursinhos populares, articulados a movimentos sociais, de modo geral, são construídos com essas finalidades: reduzir as desigualdades referentes à escolarização das classes populares e corroborar com a instrumentalização da educação como ferramenta de conscientização e, por consequência, de transformação social, sendo esta última como parte de um projeto radical de emancipação. Nesse sentido, considerando a função social e o histórico dos cursinhos populares, cabe pensar se tais cursinhos têm sido construídos, na atualidade, com base no assistencialismo, focado apenas no processo do vestibular, ou na luta coletiva, articulada ao proletariado, visando a ser mais uma ferramenta de luta pela emancipação humana. Isto é, a partir disso, cabe pensar *se e como* a Educação Popular, em termos freireanos, a educação libertadora, tem sido desenvolvida no contexto dos cursinhos populares. Para isso, antes de tudo, destaca-se o entendimento de que a Educação Popular

como campo de conhecimento e como prática educativa se constituiu em exercício permanente de crítica ao sistema societário vigente, assim como de contra hegemonia ao padrão de sociabilidade por ele difundida. Construída nos processos de luta e resistência das classes populares, é formulada e vivida, na América Latina, enquanto uma concepção educativa que vincula explicitamente a educação e a política, na busca de contribuir para a construção de processos de resistência e para a emancipação humana, o que requer uma ordem societária que não seja a regida pelo capital (PALUDO, 2015, p. 220).

É nesse lugar de contradição entre a busca por uma educação libertadora e a formação da classe popular para o vestibular que a Rede Emancipa se constrói. Sobre isso, Costa e Aragão (2018), ao elaborarem um estudo sobre um cursinho popular da Rede Emancipa localizado em Marabá, no estado do Pará, concluem que o Emancipa foge ao assistencialismo ao vincular a preparação para os vestibulares – que segue padrões, prazos e conteúdos curriculares, muitas vezes, pouco flexíveis – e a formação sociopolítica. Para os autores, o movimento social de Educação Popular tem, em Marabá, proporcionado aos alunos, junto à oportunidade de preparação para os processos seletivos para ingresso no ensino superior, uma formação que visa

a desenvolver a “capacidade de pensar, tornando-os sujeitos capazes de intervir e transformar a sociedade, auxiliando, também, na potencialização da organização do trabalho coletivo e social” (COSTA; ARAGÃO, 2018, p. 19).

Contudo, o estudo em questão identificou certa particularidade sobre a percepção da proposta da Rede Emancipa por parte de diferentes sujeitos que, de alguma forma, participam da rede, no que se refere à configuração do cursinho popular como um movimento social de educação, e não apenas como um cursinho preparatório convencional:

A pesquisa evidenciou a divergência de pensamento acerca da natureza das atividades do cursinho. Pudemos observar que há participantes que identificam o projeto como majoritariamente assistencialista, pouco se diferenciando de um cursinho convencional; outros o identificam como pertencendo a duas naturezas, uma vez que, devido à função do cursinho de preparar para o vestibular, torna-se, em partes, uma atividade de reprodução dos cursinhos convencionais (COSTA; ARAGÃO, 2018, p. 19).

A partir do exposto, visa-se a discutir, em específico, o caso da Rede Emancipa – Movimento Social de Educação Popular, especialmente a construção dos cursinhos populares da rede na capital mineira, Belo Horizonte, a partir de um relato de experiência. Isto é, como a Rede Emancipa vem se articulando politicamente? Como o primeiro cursinho da Rede Emancipa foi construído e sob quais diretrizes? A Educação Popular tem sido desenvolvida no contexto dos cursinhos populares da Rede Emancipa em Belo Horizonte?

2 A REDE EMANCIPA: HISTÓRICO E DIRETRIZES

Criada na primeira década dos anos 2000, a Rede Emancipa é um movimento social de cursinhos populares pré-universitários que tem como um dos principais objetivos inserir estudantes de baixa renda em universidades públicas e em faculdades particulares por meio de bolsas de estudos. Destaca-se que a construção desses cursinhos populares se dá em espaços cedidos, principalmente em escolas públicas; que tais cursinhos não possuem fins lucrativos; e que a coordenação e a construção desses cursos são voluntárias. O primeiro cursinho da Rede Emancipa foi construído na Grande São Paulo por participantes do Movimento de Resgate do Cursinho da Poli, da Universidade de São Paulo (USP). Atualmente, o movimento social se expandiu e conta com múltiplos projetos nos estados brasileiros: Minas Gerais, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Goiás, Bahia, Ceará, Rio Grande do Norte e Pará. Em entrevista para a Revista Crioula (USP) sobre a Rede Emancipa, Cibele Lima relata:

Na época, o então Cursinho da Poli, que havia sido uma referência de cursinho popular, sofre um golpe e se torna um cursinho de prática comercial. O fato é que nesta luta se percebe a necessidade de construir uma alternativa popular de cursinho, que buscasse não só aprovar os estudantes, mas organizá-los na luta por esse direito que é o acesso à Universidade pública. Então começa a se organizar um coletivo que vai amadurecendo a ideia, e em 2008 nasce, na cidade de Itapevi, o 1º cursinho da Rede, o Chico Mendes (COLOSOVSKI, 2015).

Em seus próprios termos³, a Rede Emancipa é definida como um movimento social que luta em prol da verdadeira democratização do ensino superior brasileiro e pela valorização do ensino público em geral. O Emancipa assume como bandeira que a universidade “pública” seja ocupada por aqueles que a custeiam, ou seja, a população mais pobre da sociedade. Por isso, a Rede Emancipa se insere em diferentes frentes que lutam por uma educação pública, gratuita e de qualidade em todos os níveis, para todos e todas. Como movimento social que visa a uma

³ Ao tratar das diretrizes e princípios da Rede Emancipa – Movimento Social de Educação Popular, optou-se por manter as definições originais dadas pela Carta de Princípios da Rede Emancipa.

real transformação da sociedade, incentiva os estudantes dos cursinhos a participarem de ações coletivas e em comunidade, fazendo isso por meio das coordenações de alunos em consonância com a coordenação geral, a fim de possibilitar a esses estudantes a experiência de trabalhar em grupo, colaborando e construindo o cursinho em seu cotidiano, elaborando eventos culturais e atuando junto a outros movimentos sociais. A saber, a Carta de Princípios da Rede Emancipa define como pilares:

1. Defesa da educação pública, gratuita e de qualidade como direito de todas e de todos.
2. A gratuidade como premissa na participação dos estudantes em nossos cursinhos.
3. Educar para a liberdade, desenvolver o pensamento crítico contra a doutrinação e promover o protagonismo estudantil.
4. Compromisso com a luta da classe trabalhadora por direitos e pela transformação social.
5. Defesa de um projeto anticapitalista para a sociedade.
6. Direito à cidade, entendido como o direito de usufruir dos serviços sociais básicos, dos espaços de lazer e de cultura.
7. Autonomia política e financeira, sem interferência de qualquer outra organização ou do Estado.
8. Promoção dos Direitos Humanos, contra qualquer forma de opressão e preconceito e para a realização da cidadania.
9. Aliança com outros setores a partir de acordos políticos programáticos e táticos. Não temos e não teremos relações com organizações de direita e com organizações que atuem para nos dividir, cooptar ou instrumentalizar.
10. Promoção da solidariedade e do coletivismo como valores fundamentais.

Além disso, é fundamental saber que cada cursinho possui uma coordenação, subdividida em diferentes funções, além de que há flexibilidade em relação ao currículo e direcionamento das aulas. Periodicamente, há reuniões com professores e coordenadores, em que se verificam as dificuldades enfrentadas pelos docentes em salas de aula, há troca de experiências e busca por solucionar problemas. Em alguns casos, são disponibilizados materiais para a produção de aulas, tais como apostilas físicas e virtuais e livros didáticos disponíveis nas bibliotecas das próprias escolas. A saber, as aulas do cursinho são ministradas, majoritariamente, uma vez por semana, aos sábados, das 8h às 17h30, havendo horário de almoço e intervalo. Incluídos na programação, estão as aulas regulares, o Círculo Emancipa e o tempo livre.

Nesse sentido, ainda segundo a Carta de Princípios da Rede Emancipa, tem-se que o desenvolvimento de cursinhos pré-universitários é a principal forma de atuação da Rede. Porém, é imperativo considerar que essa não é a única e que o objetivo de tal movimento social é, sobretudo, articular-se, a fim de expandir as ferramentas de atuação da Educação Popular, partindo da compreensão de que a luta pela emancipação humana se configura de diferentes maneiras e tendo como princípio a aplicação desse processo de conscientização e educação coletiva. Diante disso, destacam-se como metas centrais da Rede Emancipa:

- a) *formação de novos militantes*: os cursinhos configuram o espaço e o momento em que o Emancipa amplia e qualifica sua militância, por essa razão, visa-se a reforçar e ampliar a presença estudantil;
- b) *organização e mobilização coletiva*: dentro dos cursinhos, devem ser priorizadas as decisões coletivas e horizontais, bem como a formação de espaços coletivos, como debates e saraus;
- c) *territorialização*: deve-se considerar as particularidades de cada local onde são desenvolvidos os cursinhos, uma vez que são determinantes para a influência e articulação que o cursinho pode vir a ter, por exemplo, existem diferenças

estratégias significativas em construir o cursinho nos bairros ou em regiões centrais urbanas;

- d) *referência nas comunidades*: para o movimento social, um cursinho popular não deveria existir, uma vez que surge da demanda pela luta contra a barreira excludente dos vestibulares, por essa razão, a referência de atuação do Emancipa deve ir além dos cursinhos.

3 CONSTRUINDO A REDE EMANCIPA EM BELO HORIZONTE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Com bases nessas diretrizes, foi criado, em 2015, o primeiro cursinho popular da Rede Emancipa em Belo Horizonte, mais precisamente em uma escola pública localizada no bairro Santo Agostinho, na região centro-sul da capital. De início, o trabalho foi desenvolvido com uma turma pequena que possuía a média de 15 alunos. É importante saber que a “rotatividade” de estudantes é muito grande, na maioria das vezes motivada por questões relacionadas à conciliação entre emprego e escolarização, à sobrecarga de estudos e às questões de mobilidade urbana e à falta de recursos financeiros. Por essa razão, nos anos seguintes, o cursinho mudou seu endereço para uma escola pública da região central da capital, localizada próxima a uma estação de metrô, o que facilitou, consideravelmente, a mobilidade dos estudantes, influenciando a assiduidade e o número de matrículas, em consonância com as diretrizes citadas sobre territorialidade.

A consolidação do cursinho na capital mineira se deu em paralelo ao desenvolvimento da primeira turma. Para isso, docentes e estudantes atuaram, juntos, em um processo de aprendizagem mútua e construção do movimento social. Com acertos e erros, foram sendo alterados e adequados à realidade: planejamentos de currículo, horários de aula, metodologias e ferramentas de ensino, localização do cursinho, organização de matrículas etc. Com base nisso, determinou-se que as atividades do cursinho aconteceriam aos sábados, nos períodos da manhã e da tarde, uma vez que a conciliação de tarefas ao longo da semana, tanto da parte de professores quanto da parte de estudantes, dificultaria a assiduidade dos integrantes. Além disso, foram sendo pensados e alterados, à medida que as atividades eram desenvolvidas, os currículos a serem trabalhados.

A construção do conteúdo programático de cada disciplina se apresentou como um dos principais desafios do cursinho popular no cotidiano, vez que o número de aulas – uma vez por semana – não condiz com o extenso conteúdo geralmente abordado em vestibulares. Além disso, os estudantes apresentam bagagens escolares diversas e é a partir dessa diversidade que se busca desenvolver aulas coerentes e que possibilitem o engajamento dos estudantes, bem como a preparação para os exames. Tudo isso em paralelo à formação crítica que configura uma das bases da Rede Emancipa. Nesse quadro, se dá o lugar de contradição em que a Educação Popular, em contextos de pré-vestibular, se encontra.

Uma vez que se entendem as limitações pedagógicas dos vestibulares, tanto no que toca às questões curriculares quanto no que toca ao próprio processo seletivo como uma forma de exclusão, como construir uma educação libertadora e, ao mesmo tempo, não negligenciar a necessidade real dos estudantes de se prepararem para os exames em um contexto em que, muitas vezes, essas propostas parecem estar distantes? Em sala de aula, como lidar com a heterogeneidade de bagagens culturais e, muito comumente, defasagens referentes à educação básica? Levando em consideração a carga horária de aula, como selecionar os conteúdos a serem priorizados? Sobretudo, como desenvolver a Educação Popular ao longo de todo o processo de ensino e aprendizagem de todos os envolvidos? Essas são apenas algumas das questões que se impunham, cotidianamente, durante a construção do primeiro cursinho popular da Rede Emancipa em Belo Horizonte e, no geral, ainda hoje.

Para essas questões, não existem respostas únicas e estáveis. Por isso, a busca pela solução dessas interrogações se deu ao longo de todo o período de aulas, contínua e coletivamente. Isto é, cada professor tinha liberdade para elaborar o planejamento do conteúdo programático da disciplina pela qual era responsável. Em um primeiro momento, planejava-se de maneira muito pragmática, levando em consideração os conteúdos tidos como basilares e aqueles que, com mais recorrência, são abordados em vestibulares, em especial no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). Na medida em que as aulas foram sendo desenvolvidas, porém, esses conteúdos foram flexibilizados ou alterados, a partir das sugestões e contribuições dos estudantes, bem como considerando o tempo de aprendizagem de cada turma.

Entende-se, nesse sentido, que a Educação Popular não se refere apenas a conteúdos a serem abordados durante as aulas, mas sim, principalmente, às práticas dialógicas e horizontais desenvolvidas ao longo de todo o processo de ensino e aprendizagem e em todos os espaços. Por essa razão, pode-se afirmar que a proposta de se construir um movimento de Educação Popular era – e ainda é – o norte de toda a construção do Emancipa, ainda que inserido em um contexto complexo como o dos cursos preparatórios para vestibulares. Em outros termos, a demanda pela preparação para os exames, mesmo que cerceado por prazos e competitividade, não impossibilita a formação política articulada à realidade, seja essa diretamente relacionada aos conteúdos curriculares ou não.

Nessa toada, foram sendo propostas, também, atividades fora do ambiente escolar, como pequenas “excursões” a museus e praças, com o objetivo de trabalhar o direito à cidade e outros conhecimentos que vão além do conteúdo do vestibular, mas que são fundamentais para se construir a formação política dos estudantes e professores. Da mesma forma, informações, sugestões e discussões trazidas pelos estudantes foram – e ainda são – parte significativa do processo de aprendizagem desenvolvido nos cursinhos da Rede Emancipa, bem como o chamado Círculo Emancipa e as articulações com outros movimentos sociais e cursinhos populares. Para além do pré-vestibular, a Rede Emancipa procura formar politicamente estudantes e professores também por meio da prática, por isso, muitas vezes, a aula é construída na rua – com a presença em atos e manifestações, por exemplo.

Para a autora e como o demonstrado pelos documentos do movimento, o Círculo Emancipa é o espaço de organização mais importante da Rede Emancipa, onde todos os integrantes do cursinho, e mesmo não integrantes interessados em participar, se reúnem em círculo para discutir temas de interesse social, como o próprio vestibular e o funcionamento do cursinho ou questões sociopolíticas mais amplas. Com o intuito de buscar soluções e ações práticas para o desenvolvimento do movimento, lá, organiza-se a ação coletiva. Ainda que a Educação Popular transpasse os diferentes campos de atuação da Rede Emancipa, o Círculo se mostra como uma ferramenta fundamental de construção dialógica de formação política, corroborando para a tão falada educação crítica, compromissada com a transformação social, assim como para a formação de novos militantes.

Além disso, o Círculo Emancipa pode ser visto como um bom exemplo de associação entre a formação política, a construção coletiva e dialógica e a preparação para o vestibular. Isso porque, em muitas oportunidades, os debates sobre temas de interesse social realizados no Círculo eram estendidos à sala de aula e vice-versa, em especial para as aulas da disciplina de Redação, tão cara aos processos seletivos para ingresso no ensino superior. Os temas para discussão e, posterior escolha, às vezes, eram sugeridos por professores; às vezes, surgiam de notícias e debates em alta; às vezes, de sugestões de estudantes; e às vezes, da própria dinâmica da sala de aula, o que ressalta o compromisso do Emancipa em desenvolver uma educação transformadora em que os estudantes são os protagonistas e todos aprendem juntos, em comunhão.

Nesse quadro, conclui-se que a definição de princípios e diretrizes, bem como a construção de práticas de formação política de estudantes e militantes, como o Círculo, são

fatores de primordial importância para diferenciar a Rede Emancipa, como movimento social, de outros cursinhos populares, que, muitas, vezes têm como objetivo único a inserção de jovens pobres na universidade, buscando reduzir, pontual e individualmente, a desigualdade de acesso ao ensino superior. Isto é, diante da crescente demanda de jovens pela inserção no mercado de trabalho formal e, conseqüentemente, no ensino superior, os cursinhos populares são construídos em contradição: é preciso buscar construir uma Educação Popular que não se baseie em apenas suprir essas demandas, a partir de trabalhos voluntários que buscam diminuir uma disparidade construída no interior do capitalismo, mas sim construir uma Educação verdadeiramente Popular que busque, sim, suprir essa demanda, pois compreende a função da educação e do acesso ao ensino formal, ao mesmo tempo em que questiona esse mesmo processo, seja em relação ao vestibular em si seja em relação à estrutura socioeconômica que o sustenta, levando, em consequência, à transformação da realidade.

Entretanto, a simples reprodução dos conteúdos exigidos pelo vestibular, mesmo que para as classes populares, não é por si só educação popular; se assim fosse, estaríamos apenas reproduzindo, fora de contexto, os “aulões-espetáculos” dos cursinhos comerciais, estimulando a competição entre os estudantes para “garantir a sua vaga”. Para além de capacitar tecnicamente para a prova, é preciso pensar os papéis sociais envolvidos neste processo. [...] O que identifica os cursinhos populares com o proposto por Paulo Freire é a problematização do próprio conteúdo do vestibular e do caráter excludente da universidade, uma crítica à “educação bancária”, e a abertura da possibilidade de romper as limitações a partir da apropriação dos novos conhecimentos (MENDES, 2009, p. 4).

Por essa razão, para a Rede Emancipa⁴, o termo “pré-universitário” ultrapassa a ideia de pré-vestibular, ou seja, a ideia de apenas preparar os alunos para obterem os requisitos considerados satisfatórios para o excludente e seletivo vestibular. Para o Emancipa, o ensino e o conhecimento não devem ser baseados apenas na “transmissão de conteúdo” exclusivo para o vestibular, sem crivo crítico e reflexivo, isto é, a chamada “educação bancária” criticada por Freire. Não à toa, a escolha do nome do movimento social ser “Emancipa”, pois há a defesa da educação como instrumento de emancipação humana e transformação da sociedade. Outro sentido que o termo “pré-universitário” ilustra é o objetivo da Rede Emancipa de trabalhar com os estudantes para que esses sejam universitários de fato, ou seja, sujeitos políticos que atuem e lutem no interior do ambiente acadêmico e para além de seus muros.

Com base no exposto, pode-se concluir que a Rede Emancipa constrói, sim, práticas de Educação Popular, sem desconsiderar suas contradições. Prova disso é que os princípios e objetivos da Rede podem ser identificados na realidade concreta: a aprovação de muitos estudantes em universidades públicas e particulares por meio de bolsas de estudo; a formação de novos militantes; a formação política dos integrantes; estudantes que, após ingressar na universidade, retornam como professores; a realização de práticas educativas também nas redes sociais; a expansão da Rede em número de cursinhos e atuação política; a articulação com outros cursinhos, movimentos sociais e partidos; tudo isso configura a Rede Emancipa como um movimento social de Educação Popular, muito além do pré-vestibular.

⁴ Discussão realizada no Manual do Professor da Rede Emancipa – Movimento Social de Educação Popular.

REFERÊNCIAS

CASTRO, Clóves Alexandre de. História Social do Trabalho e Movimentos Sociais no Brasil: O Surgimento dos Cursinhos Populares. In: *Revista Formação*. Unesp: v. 2, n. 11, 2004.

COLOSOVSKI, L. Entrevista Rede Emancipa. *Revista Crioula*, [S. l.], n. 16, 2015. DOI: 10.11606/issn.1981-7169.crioula.2016.107819. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/crioula/article/view/107819>. Acesso em: 21 jun. 2021.

COSTA, L. DE S.; ARAGÃO, R. C. Movimento social ou reprodução dos cursinhos pré-vestibulares convencionais? *Revista de Educação Popular*, v. 17, n. 2, p. 10-20, 3 out. 2018.

MENDES, Maíra. Cursinhos populares pré-universitários e educação popular: uma relação possível? In: *Anais do XI Fórum de Estudos: Leituras de Paulo Freire*, 2009.

PALUDO, Conceição. Educação Popular como resistência e Emancipação Humana. In: *Cad. Cedes*, Campinas, v. 35, n. 96, p. 219-238, maio-ago. 2015.

REDE EMANCIPA. *Quem somos*. Disponível em: <https://redeemancipa.org.br>. Acesso: 19 abr. 2021.

ANEXO A - Foto exemplificativa de um Círculo Emancipa (2018)



Fonte: Acervo da autora